DESENVOLVIMENTO
E MEIO AMBIENTE

SISTEMA
ELETRÔNICO
DE REVISTAS
SER | UFPR

www.ser.ufpr.br

Editorial

Diálogos de Saberes Socioambientais: desafios para epistemologias do Sul

*Dialogues of socio-environmental knowledge:
challenges for epistemologies of the South*

*Diálogos de Saberes Socioambientales: retos para las
epistemologías del Sur*

A edição que ora se apresenta, contempla uma seção especial dedicada ao tema central “Diálogos de Saberes Socioambientais: desafios para epistemologias do sul”, com ricas abordagens de autores latino-americanos que, de modo singular, contribuem para o ensejo deste diálogo intercultural – um diálogo de conhecimentos e de experiências.

Tal proposta temática está assentada na necessidade de construção de circuitos dialógicos entre o conhecimento científico e filosófico con-

temporâneos e os saberes culturais e ambientais¹ dos povos indígenas e das chamadas *comunidades tradicionais*, consoante as múltiplas formas sociais de apropriação e reapropriação da natureza no movimento da história.

Entende-se que tais saberes, atualizados e reatualizados no tempo (e espaço), consistem em bem patrimonial, presente em elaborações mentais e imaginárias, em práticas eco-produtivas, em distintas formas de sociabilidade e interações com

¹ Tais saberes, recobrem uma imensa gama de diferentes designações, segundo campos específicos de conhecimento; ver suas implicações no artigo de Arturo Argueta (2019), nesta edição. Ver, também, em aproximações ao que é compreendido aqui como ecologia de saberes, por Boaventura de Sousa Santos em diversas de suas obras, especialmente em *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010, co-organizada com Maria Paula MENESES.

a natureza, com implicações significativas para as sociedades ocidentais e para o sistema de conhecimento científico moderno.

Evidencia-se, assim, no interior desses povos – mesmo que diferenciados entre si – um amplo e vasto conhecimento sobre as dinâmicas naturais em que se inscrevem, especialmente na forma como sujeitos sociais históricos concebem, representam e interagem com a natureza em múltiplas dimensões.

Mesmo que invisibilizados na dinâmica da história, ou não reconhecidos em sua significação própria, tais saberes se expressam de modo específico na cultura dos *povos da terra, dos povos do mar, dos povos dos rios, dos povos da floresta* (indígenas, seringueiros, pescadores artesanais, quilombolas, pequenos agricultores, ribeirinhos, faxinalenses), que interagem secular e milenarmente com o mundo natural, produzindo e acumulando vasto conhecimento e práticas, muitas vezes desconhecidos ou desconsiderados pela própria ciência ocidental.

Sabe-se, mediante vários registros etnológicos, derivados de múltiplas pesquisas empreendidas ao longo do tempo, de convivência direta com esses povos, e de expressão de suas próprias e múltiplas vozes identitárias, que a relevância desses saberes é indissociável dos modos de vida plurais, tanto em sua materialidade como em suas representações simbólicas.

Integra esse modo de saber patrimonial um conjunto de ideias, valores, crenças, visões de mundo, práticas, (re)-vivências, ricas cosmogonias e matrizes de pensamento, dotado de racionalidade própria, em que não se pronuncia a cisão cultura e natureza, tão característica da lógica moderna. Para os povos indígenas ‘natureza’ e ‘cultura’ não se cindem, não consistem em esferas separadas e ao se conjugarem, se interpenetram em seu pró-

prio modo de existir, pois as espécies vivas, como plantas e animais, se revestem de características da vida social e simbólica, e são considerados, neste contexto, indistintamente como sujeitos e objetos.

Assim, diferentemente da racionalidade instrumental regida pelo Ocidente, tais povos não encerram a natureza numa esfera à parte comandada pela tecnociência, considerando-a meramente como objeto, matéria-prima inerte, a ser explorada extensiva e intensivamente, sem limites, tal como a lógica moderna empreende, historicamente, a busca incessante de domínio do mundo natural – na *economização do mundo*.

A importância desse rico sistema cognitivo em respeito à vida se manifesta tanto no interior da própria dinâmica socioambiental singular de cada um desses povos, em sua ancestralidade, quanto na busca de sua permanência e revigoramento na história, mesmo em momentos posteriores ao contato com o ocidente ou com a chamada “civilização moderna”; entende-se, assim, que tais expressões de saber recriados e atualizados em contextos específicos, em termos concretos e imaginários, constituem verdadeiro patrimônio para os desafios do mundo contemporâneo.

Muitos dos procedimentos da tecnociência moderna consideram esses saberes meramente como derivação da experiência sem admitir-se, todavia, que tais povos elaboram, formulam, selecionam, em suas estruturas mentais e imaginárias – em suas próprias cosmovisões – hipóteses decorrentes de rigorosas observações e ações sobre a natureza em seus processos histórico-culturais de vida.

Se por um lado a colonialidade do Poder e do Outro tem destruído e desarticulado muitas dessas culturas milenares e seculares, por outro tem ensejado movimentos de resistência ou de (re)existência

protagonizados por esses povos. Disto resulta uma forte capacidade de resiliência que associa formas de saber e a coexistência de distintas temporalidades, saberes e práticas materiais e imateriais. As lições podem ser inúmeras, se os seres humanos conseguirem extrair suas consequências para a garantia e reprodução da vida.

Essas lições podem atuar para revitalizar esses povos na história, além de um contributo para a emergência de novos paradigmas de conhecimento que conjuguem, a um só tempo, sociedade e natureza em bases sustentáveis. Dessa maneira, o pensamento socioambiental contemporâneo tem um grande desafio cognitivo, imaginativo e político diante do resgate e sobrevivência dos saberes patrimoniais e da biossociodiversidade planetária. Para tanto, exige-se uma ética do respeito e da simetria entre sujeitos sociais que portam distintas formas de coexistência entre mundo social e natural.

Pautada em tais delineamentos, é que a presente edição foi concebida: visa tecer a abertura de diálogo de saberes, com a perspectiva de valorizar, visibilizar, ressignificar e restaurar saberes ambientais patrimoniais – de povos circunscritos às margens da história; e, por outro lado, visa à produção de conhecimentos norteados por *outros olhares*, por novos paradigmas científicos e filosóficos (e por aqueles classicamente revisitados), na produção de encontros interculturais para gestar-se, em novas sínteses, novas possibilidades de interações entre sociedade e natureza.

Nesta direção, os artigos contemplados por essa edição abordam, a partir de distintos olhares, campos do conhecimento e aportes teóricos e empíricos, a relevância de estabelecimento da dialogia entre saberes distintos, entre matrizes culturais e lógicas de pensamento e modos de sentir diversos,

contribuindo de modo fecundo para a abertura e aprofundamento da reflexão.

Na grande aventura do caminho das ciências e dos saberes, de seus atalhos e de suas rupturas são, pois, apresentados nessa seção especial – em termos epistemológicos, científicos e filosóficos – novos e grandes desafios para o conhecimento. Tais artigos abordam a trajetória e os limites do conhecimento científico e a necessidade de ir além dele, dentro de uma nova racionalidade ambiental, o que implica considerar *outros modos de existência*, ao focalizarem os saberes e as experiências em contextos específicos, pautadas na busca de diálogo.

Assim, a valorização ou recriação de saberes ambientais inscritos nesses saberes culturais implica, necessariamente, no revigoramento histórico e ontológico de modos de (re)existência e na decolonialidade epistêmica desses sujeitos históricos. Isso coloca como desafio, conjuntamente ao diálogo de saberes, a produção de alertas cruciais para a sobrevivência de sujeitos socioambientais em nova conexão com o mundo natural e social, para ensejar outras possibilidades para o *bem viver*.

Lucia Helena de Oliveira Cunha
Dimas Floriani
Organizadores